

Aeronáutica detém dois repórteres da Folha no Cachimbo

Dos Sucursais do Rio e Brasília
e do Reportagem Local

O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Julio Moreira Lima, disse às 20h50 de ontem, no Rio, por telefone, que os jornalistas Jaime Sautchuk e Tadashi Nakagomi, da Folha, foram detidos na manhã de ontem na base secreta da serra do Cachimbo, no sul do Pará, limite com Mato Grosso, e de lá serão enviados hoje para Brasília ou para o Rio em avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Eles passaram a noite no destacamento da FAB junto ao campo de pouso. Segundo o ministro, os dois foram detidos porque "estavam entrando em área proibida". Perguntado se eles estavam presos, Moreira

Lima disse que não: "Eles serão mandados de volta e não serão punidos por isso. Apenas vamos recomendar que não façam outra vez".

O ministro disse que a detenção dos dois não fora comunicada ao jornal porque "a comunicação com a base é feita apenas por rádio". A Folha procurou o ministro depois de um dia inteiro sem comunicação com seus profissionais. Apesar de os dois estarem detidos desde cedo, nenhuma autoridade comunicou a detenção até o momento em que a Folha procurou o ministro em sua casa.

Segundo Moreira Lima, um avião da FAB partirá hoje cedo de Brasília para buscar os dois jornalistas. No avião seguirá o coronel Plínio Batis-

ta, responsável pelo campo de provas. O ministro explicou que as instalações militares da região não formam uma base aérea e que o destacamento da Aeronáutica é comandado por um tenente.

Moreira Lima disse que "entendia" o esforço de reportagem da Folha mas explicou que "a região é perigosa porque se faz experiências com artefatos bélicos. Lá é um campo de experiência e não podemos deixar que qualquer um entre. Daqui a pouco aquilo estará cheio de gente. E lá não tem nada para se ver. A verdade é esta. Eles estão atrás do buraco, mas não há nada". Ele confirmou o trabalho de prospecção feito por geólogos da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais

(CPRM) mas disse que era para "verificar se havia ocorrência de minério, para não se fazer um campo de provas em região rica". Moreira Lima disse que Cachimbo é "a única área disponível no Brasil para provas com artefatos bélicos" e que "o campo é utilizado pela Avibrás Aeroespacial e pela Engesa (Engenheiros Especializados S/A)".

O ministro disse que a área não será utilizada para testes nucleares. "Isto de provas nucleares é um sonho, porque não temos tecnologia para isto. É uma ilusão, um sonho. A Folha fez uma reportagem boa, bem feita, mas experiência nuclear de jeito nenhum. Teríamos de gastar bilhões e não temos dinheiro para isto".

Os segredos do governo

ROBERTO LOPES
Do Reportagem Local

O governo federal está preocupado em identificar supostas forças malignas, que estariam fornecendo à Folha um noticiário tendencioso sobre as instalações subterrâneas na base militar de Cachimbo (sul do Pará), destinado apenas a entorpecer o bom relacionamento do Brasil com a Argentina, e a constranger o governo brasileiro diante de parceiros econômicos muito mais poderosos, como os Estados Unidos e a Alemanha.

O governo talvez ficasse assustado em saber que a primeira pista para a série de reportagens que a Folha vem publicando sobre o assunto partiu de um cidadão comum, intrigado com construções pouco comuns num pedaço perdido e inóspito do território brasileiro.

Trata-se, claro, de tema extremamente sensível. Mas não é culpa do repórter se pequenas reações em cadeia para o estudo de um processo de obtenção de plutônio devessem, às vezes, em obediência aos ensinamentos da semântica ou às limitações de espaço do texto jornalístico, serem chamadas de "testes nucleares". Sobretudo quando são, mesmo, testes nucleares.

Preocupação descobida

A preocupação do governo em saber o que - ou quem - está por trás do noticiário da Folha é compreensível mas, neste caso, descobida. Os políticos brasileiros podem não acreditar no poder de fiscalização do cidadão comum, mas especialmente

este governo não tem porque duvidar disso. Principalmente depois de ter, já, sido surpreendido com a reação popular ao Plano Cruzado.

Foi a nota oficial do governo, assinada pelo ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (Emfa), quem primeiro lembrou, neste episódio, o binômio "arma nuclear" -- não o noticiário da Folha. Teria o almirante José Maria do Amaral prestado um último e importante serviço ao país, à frente da Emfa (cargo que o almirante deixa até meados do próximo mês), se ao invés de limitar-se a desmentir uma denúncia que não foi feita, pudesse ele dissipar algumas dúvidas. Perguntas que até podem parecer ao ministro, de importância secundária.

Para que serve um poço de 320 m de profundidade? Por que a preocupação com a existência de lençóis freáticos (de água) no subsolo da aquela região? O físico Rogério Cerqueira Leite observou que isto pode querer dizer que as autoridades da base prepararam-se para manipular "materiais contaminantes". Isso é verdade? Por que esses poços dispõem de isolamento térmico?

Se o governo não pretende, mesmo, realizar testes nucleares (olha aqui a tal expressão, de novo), talvez pudesse fornecer umas poucas explicações técnicas em resposta a estes por ques. E poderia, sem dúvida, fazer isso sem delatar qualquer alto segredo militar. Até porque os mais altos segredos militares podem estar nos desertos do Arizona ou nas planícies geladas da Sibéria. Nunca - feliz ou infelizmente - na pobre serra do Cachimbo.

ABI vai se manifestar hoje junto ao ministério

Ao tomar conhecimento de que a equipe de jornalistas da Folha foi retida, ontem, na base secreta na serra do Cachimbo, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho, 89, afirmou, no Rio, que a entidade irá se manifestar, hoje, junto ao Ministério da Aeronáutica por ter, segundo declarou, impedido o trabalho de profissionais que apenas buscavam a informação.

Barbosa Lima Sobrinho afirmou que mais importante que a retenção de dois jornalistas é, neste momento, a necessidade de o governo tranquilizar a população, com informações que realmente comprovem não haver planos de se utilizar a serra do Cachimbo como local para futuros testes de explosão nuclear. Ele afirmou que não basta negar a veracidade da notícia, mas comprovar o desmentido.

Chiarelli

O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli (PFL-RS) ouviu ontem a noite por telefone, preferiu não fazer críticas "São profissionais de ramos de atividade diferentes, e cujos interesses eventualmente se chocam os jornalistas querendo apurar a notícia, e os militares cumprindo o papel que entendem correto, de proteger instalações militares".

O senador Chiarelli observou, con-

tudo, que não se pode negar às autoridades o direito de manter o sigilo sobre instalações que consideram "de relevância para a segurança nacional". Chiarelli manifestou a confiança de que o episódio represente um mero incidente, "sem consequências mais graves".

Bresser Pereira

O secretário de Governo do Estado de São Paulo, Luiz Carlos Bresser Pereira, 52, ao comentar a prisão dos dois repórteres da Folha que estavam na serra do Cachimbo, disse que "não vejo razão para deterem repórteres que estão realizando seu trabalho". "Imagino que possa haver uma alegação de segurança nacional, mas na medida que o Palácio do Planalto já declarou que as pesquisas que estão sendo realizadas tem por fim rigorosamente pacífico, não tem motivo para estabelecer limite à atividade da imprensa" declarou o secretário paulista.

Segundo Bresser Pereira, é evidente que em certos momentos é preciso por limites para as atividades jornalísticas. "O país pode ter projetos que considera secretos", disse, acrescentando que "qualquer grande país tem projetos dessa natureza". Bresser Pereira ressaltou, entretanto, que pelas declarações oficiais não há qualquer razão para acreditar que esse seja o caso das pesquisas da serra do Cachimbo.

Quem é Sautchuk

O jornalista Jaime Sautchuk, 33, catarinense de Herval d'Oeste, começou sua carreira no extinto "Diário de Brasília". Foi repórter dos jornais "Movimento" e "Opinião" e trabalhou na British Broadcasting Company (BBC), em Londres. De volta ao Brasil, integrou as sucursais das revistas Veja e Afinal, em Brasília. Há quatro meses transferiu-se para a Sucursal da Folha. Sautchuk tem dois livros publicados, é casado e pai de três filhos.

Quem é Nakagomi

O fotógrafo Tadashi Nakagomi, 38, é paulista e trabalhou nos jornais "Correio Braziliense", "Jornal de Brasília" e "Última Hora". Casado há quinze anos e pai de quatro filhos, Tadashi recebeu, há um ano, voz de prisão do coronel Lauro Rieth, ex-secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, ao tentar fotografá-lo -- o coronel chamou um carro da polícia e exigiu que o fotógrafo fosse conduzido a uma delegacia.

Jornalistas retornarão em avião da Força Aérea, afirma coronel

Um avião da Força Aérea Brasileira (FAB), que partiu na madrugada de hoje, de Brasília, em direção à base da Aeronáutica da serra do Cachimbo, deverá trazer ainda hoje os repórteres da Folha de volta à capital federal ou ao Rio de Janeiro. No avião, estará o coronel-aviador Plínio Batista, responsável pelo transporte dos jornalistas. Essas declarações foram feitas ontem à noite, à Folha, pelo chefe de gabinete do Ministério da Aeronáutica, brigadeiro Murilo Santos. O brigadeiro disse ainda que o coronel Batista é o "encarregado de obras" da base.

Segundo o brigadeiro, o informe da detenção foi transmitido a ele às 14h de ontem pelo comandante do 6º Comando Aéreo Regional, major-bri-

gadeiro Tabyra de Braz Coutinho, responsável pela área da base da serra do Cachimbo. Em comunicação por rádio, o major-brigadeiro disse ao chefe de gabinete do ministro da Aeronáutica que os repórteres haviam sido detidos por terem entrado em área restrita, numa caminhonete sem chapa.

O brigadeiro Murilo Santos não soube responder se o fato de os jornalistas terem fotografado a base de um avião fretado pela Folha poderia ser considerado crime. "Não sei se sobreveio é proibido", afirmou. Ele disse ainda que os repórteres pernoitariam nas instalações da própria base, onde -- ainda segundo ele -- há um destacamento de 120 homens comandados por um sargento da Aeronáutica.

Ex-ministro-chefe do Emfa diz que só Délio pode esclarecer

"Se há uma pessoa que pode esclarecer o assunto, é o ex-ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos". Foi esse o comentário, ontem, do ex-ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, brigadeiro Waldyr de Vasconcellos, 61, a respeito da finalidade das instalações subterrâneas construídas na serra do Cachimbo.

Waldyr de Vasconcellos foi o último chefe do Emfa durante o governo Figueiredo. Ele transferiu a responsabilidade de qualquer esclarecimento ao brigadeiro Délio "porque a área pertence à Aeronáutica". Procurado pela Folha, Délio Jardim de Mattos, 69, foi evasivo. Disse que, até onde sabe, o campo de Cachimbo destina-se ao experimento de armamentos convencionais. Gentil, mas apressa-

do, ele encerrou rapidamente a conversa.

O ex-ministro da Marinha do governo Figueiredo, almirante Maximiano da Fonseca, 85, declarou-se ainda menos informado. Disse saber das instalações de Cachimbo apenas por "boatos", e garantiu que a finalidade de suas instalações nunca foram discutidas nas reuniões de ministros militares. Essas reuniões que acontecem, agora, mensalmente e sempre em Brasília -- tiveram início em 1984, e, na verdade, foram motivadas por assunto bem diverso do de Cachimbo: eram conversas que visavam avaliar, com exatidão, os rumos da campanha presidencial, que terminou com a vitória de Tancredo Neves.